

TRICOTAGEM DE VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS: O PAPEL DO DOCENTE FRENTE ÀS DIFERENÇAS ENTRE O FALAR E O ESCREVER

KNITTING OF LINGUISTIC VARIATIONS: THE TEACHER'S ROLE FRONT THE DIFFERENCES BETWEEN SPEAKING AND WRITING

Kênia Cristina Borges Dias¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo a realização do estudo sobre a utilização das variações linguísticas. Tecem-se aqui, considerações da importância da linguística para o desenvolvimento social e também intelectual do indivíduo. É uma oportunidade de conduzir o falante da língua portuguesa a compreensão da utilização da linguagem em conformidade com a cultura local e que a língua padrão é importante, no entanto, a língua não padrão tem suas qualidades e história. A literatura é repleta de variações linguísticas, tanto quanto no dia a dia, portanto, a ficção também ensina ao leitor que há formas de utilização da linguagem. A Linguística nos mostra os pontos fundamentais para a compreensão e utilização das variações linguísticas presentes em nosso cotidiano. Do ponto de vista da linguística não há erros e sim formas diferentes de se utilizar a linguagem. Portanto, os bancos estudantis apenas moldarão toda a bagagem linguística que adquirimos no meio familiar e social. E compete aos professores mostrar essa distinção entre a língua padrão e não padrão, pois vivemos em um país repleto de dialetos e todos com sua importância para a construção da nossa língua portuguesa.

Palavras-chave: Língua. Linguagem. Linguística. Comunicação. Variações.

ABSTRACT: This article aims to conduct a study on the use of linguistic variations. Here, considerations about the importance of linguistics for the social and intellectual development of the individual. It is an opportunity to lead the Portuguese speaker to understand the use of language in accordance with local culture and that the standard language is important, however, the non-standard language has its qualities and history. Literature is full of linguistic variations as much as in everyday life, so fiction also teaches the reader that there are ways to use language. Linguistics shows us the fundamental points for understanding and using linguistic variations present in our daily lives. From the point of view of linguistics there are no errors, but different ways of using language. Therefore, student banks will only shape all the linguistic baggage that we acquire in the family and social environment. And it is up to the teachers to show this distinction between the standard and non-standard languages, as we live in a country full of dialects and all with their importance for the construction of our Portuguese language.

¹ Mestra em Literatura Crítica pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC-GO. Graduada em Letras e também em Pedagogia. Pós-graduada em Língua Portuguesa. Pós-graduanda em Linguística aplicada à Educação. Professora da Rede Municipal de Ensino e também da Faculdade Itapuranga.

Keywords: Language. Language. Linguistics. Communication. Variations.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Aprender a língua não é simplesmente gravar regras e mais regras, mas saber como e quando a utilizar, pois há diferenças entre o falar e o escrever. Portanto, ela é mais do que um código e está em constante transformação, ela não é um sistema fechado, pronto e acabado de que poderíamos nos apropriar. No próprio ato da fala participamos, querendo ou não, do processo de constituição da língua.

A proposta é desenvolver uma reflexão sobre o conceito de linguística e suas variações, e ainda a sua aplicabilidade na língua portuguesa, uma vez que é imprescindível conhecer a evolução das normas que regem a língua do país, no entanto, nem todos utilizam apenas a linguagem padrão.

Será um momento de reflexão sobre as possibilidades de utilização efetiva que a linguística nos oferece. Logo, pode-se indagar, como se dá a utilização linguística no dia a dia? E ainda, como a sociedade utiliza a língua sendo que há uma forma padrão ensinada nas unidades escolares, iniciada na educação infantil? Questões como essas nos conduzem à reflexão sobre o certo e o errado dentro da própria linguagem. Será que os docentes estão corretos em corrigir tudo? Qual o papel do pedagogo e do linguista diante da oralidade do ser humano.

Acreditamos que a proposta de pesquisa apresentada, uma vez desenvolvida contribuirá para a quebra de tabus e para o aprimoramento das habilidades no tocante ao uso do idioma, dessa forma estaremos aptos a utilizar maiores recursos para nos comunicarmos de forma mais adequada, lúcida e eficaz.

A pesquisa foi de cunho bibliográfico, com o intuito de conhecer mais a fundo as variações linguísticas, para auxiliar docentes, discentes a compreenderem que a língua padrão existe, mas que também há uma língua muito mais frequente, a não padrão.

TRICOTANDO COM TEORIAS

O processo de comunicação é vivo na sociedade e por meio dela podemos interagir, integralizar com os demais seres vivos, seja por meio formal ou informal.

Independente do ser humano ser escolarizado, ele desde o seu nascimento consegue se comunicar. Segundo Andrade (2010) a comunicação acontece de forma pessoal, impessoal, verbal, não verbal e apresenta seis elementos essenciais no processo de comunicação, emissor, receptor, referente, canal, mensagem e código. E defende que “a comunicação só se realiza quando todos os elementos funcionam adequadamente” (ANDRADE, 2010, p. 9).

Os elementos aludidos são fundamentais para que ocorra a comunicação, logo, é importante ressaltar que há na linguagem algumas funções que nos auxiliam a compreender o processo comunicacional. Diante disso, Bechara (2006) menciona sobre as sete funções para a linguagem estabelecidas por Halliday, sendo elas: a instrumental, a reguladora, a interpessoal, a pessoal, a heurística, a imaginativa e pôr fim a função representativa. Portanto,

Desenvolver apenas algumas funções da linguagem é o mesmo que limitar a formação da criança, reduzindo-a aos âmbitos a que lhe dá acesso a restrita lista de funções que conheça. Saber fazer com a linguagem tudo o que é permitido fazer não significa tão-somente adquirir capacidades linguísticas, porém apropriar-se de uma gama de capacidades de outro gênero, estreitamente vinculadas à evolução global da pessoa. (BECHARA, 2006, p. 22).

As funções da linguagem são utilizadas pelo indivíduo em conformidade com sua realidade. Nem sempre ele precisa saber a distinção entre uma e outra, mas sabe-se que a utilização acontece em seu dia a dia.

Ao iniciar o processo estudantil, todos os professores, principalmente os pedagogos, seguem as normas estabelecidas para o ensino da língua e da linguagem. E de acordo com as gramáticas, há regras para tudo, ou seja, existe o certo e o errado. Destarte, a norma padrão é “aquele modelo ideal de língua que deve ser usado pelas autoridades, pelos órgãos oficiais, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquele que deve ser ensinado e aprendido na escola” (BAGNO, 2001, p. 22).

No meio escolar não se considera tanto a bagagem que o estudante trás de casa, isto no quesito linguagem padrão, isto porque, o usual no dia a dia das famílias é o uso coloquial das palavras. No entanto, se analisarmos do ponto de vista linguístico não há norma melhor do que outra, desde que o indivíduo consiga se comunicar, pois a mensagem pode ser transmitida por meio de diferentes níveis de linguagem.

Neste mesmo raciocínio percebe-se que a norma é capaz de ser social, regional ou individual, então sabe-se que há tantas normas quantos são os falantes, isto porque, o indivíduo decide seus próprios padrões de uso da língua, ou seja, seu próprio estilo de linguagem. Mas, do ponto de vista das normas gramaticais, toda transgressão é considerada erro, pois o falante ideal seria aquele que dominasse todos os níveis de linguagem, (familiar, culta ou popular), para empregá-los de acordo com as exigências do contexto. Portanto,

na língua falada, além da restrição do vocabulário, não há grande preocupação com as regras gramaticais de concordância, regência e colocação, nem com a clareza das construções sintáticas. Na língua escrita há sempre maior grau de adesão à gramática normativa, preocupação com a clareza, além da riqueza vocabular. (ANDRADE, 2010, p. 23).

Desde o nascimento o ser humano é inserido em uma sociedade repleta de regras, as quais são impostas sem o menor questionamento. Os professores determinam em cumprimento às regras o formato e pronto. Mas, será que sempre foi assim? E a linguagem do dia a dia, não tem valor? Respostas podem surgir por todos os lados, alternativas para resolução dos problemas linguísticos também. No entanto, a sociedade está tão acostumada a obedecer, que não reflete sobre as formas e utilização, pois a “língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos, em que cada elemento tem um valor funcional determinado” (PETTER, 2014, p. 14). Deste modo, nem todas as falas são ou estão erradas, elas simplesmente são diferentes, isto é, dependem do lugar, do momento em que se fala e também do discurso. Logo,

discurso é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a língua é o meio por que ela concebe o mundo que o cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou. (CUNHA, 1985, p. 1).

Ao mencionar variações linguísticas, duas palavras com grande importância, a primeira significa alterações, transformações e ainda mudanças, neste caso, da

própria língua portuguesa. Em seguida, o leitor é direcionado para a conceituação do termo linguística, só após isso, haverá a real compreensão do que seja a variação linguística. Portanto, a linguística é “uma parte dessa ciência geral; estuda a principal modalidade dos sistemas signícos, as línguas naturais, que são a forma de comunicação mais altamente desenvolvida e de maior uso” (PETTER, 2014, p. 17).

O vocábulo ‘língua’ também merece destaque. Muito se fala, mas, até que ponto se analisa o termo? Qual é realmente sua função? Ela é “um conjunto de sinais (palavras) e de leis combinatórias por meio do qual as pessoas de uma comunidade se comunicam e interagem” (CEREJA, 2009, p. 15). Logo, a língua pertence a todos os indivíduos, faz parte da nossa cultura e em momento algum a individualidade é capaz de criá-la, pois ela depende tanto de emissores quanto de receptores, ou seja, são necessários interlocutores, independentes do modo de falar.

Em todo o país brasileiro percebe-se inúmeros dialetos e que em linguagem mais formal são conhecidos como variantes linguísticas. Isso acontece porque em cada lugar há modos diferenciados de pronúncia ou até mesmo de significados. Segundo Silva (2003), essas variações podem acontecer devido às questões geográficas, socioculturais e também históricas. Na primeira influência percebe-se a distinção entre a linguagem urbana e a rural; já a segunda acontece devido ao meio social e considera idade, raça, sexo, profissão, escolaridade e residência; E a última relaciona-se às transformações em conformidade com o tempo, ou seja, o aspecto histórico da própria língua. Portanto,

a linguística é uma ciência recente: inaugurou-se no começo do século XX. Não foi sem dificuldades que a reflexão sobre a linguagem conseguiu se impor como ciência. Para isso, teve de demonstrar o apuro de seu método e a configuração precisa de seu objeto. A linguística definiu-se, com bastante sucesso entre as ciências humanas, como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana (ORLANDI, 2009, p. 9).

De acordo com essa vertente, compreende-se que a linguística se distingue da gramática normativa, justamente pelo fato de não necessitar criar e impor regras para a utilização da linguagem. Logo, é um campo que propõe liberdade de utilização dos códigos e signos. Outrossim, o indivíduo necessita conhecer as normas estabelecidas pela gramática, porque para a linguística o que interessa é a linguagem verbal, ou seja, ela “definiu-se, com bastante sucesso entre as ciências humanas, como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana”

(ORLANDI, 2009, p. 9). E quando forem transcrever deve ser utilizado a linguagem formal.

A LITERATURA E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A literatura é um caminho que o indivíduo pode percorrer para compreender e utilizar a língua. Ela ensina por meio de ficção, não ficção e até pedagógica que a linguagem é utilizada conforme a necessidade do indivíduo. Logo literatura é “a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras polivalentes, ou metáforas” (MOISÉS, 2013, p. 278).

A literatura é um elo entre dois mundos, “é novidade que permanece novidade” (POUND, 2013, p. 36). Nem um leitor faz a mesma leitura da mesma obra, cada releitura é como se estivesse realizando a leitura pela primeira vez. Essa ligação direciona o leitor a diversas possibilidades e também a vários dialetos. Porque nem sempre as obras literárias serão totalmente fieis a norma padrão, porque a norma não padrão traz facilidade de compreensão e interpretação.

As palavras são utilizadas no meio literário e conseguem realizar uma tricotagem magnífica, ou seja, o autor conduz o leitor a descobertas, tais como, o uso da linguagem padrão e não padrão em uma mesma obra literária. Não há em todas as obras aquela preocupação em deixar tudo escrito conforme as normas estabelecidas pelos gramáticos. E esse formato auxilia os docentes a trabalhar as variações linguísticas não somente com os componentes curriculares de Língua Portuguesa, como também com outros componentes, realizando assim, a integralização de habilidades.

Pensando no quesito de que a língua informal está viva também na literatura, observamos esse fato, em fragmentos da obra de Miguel Jorge, especificamente em “*Veias e Vinhos*”. O autor traz uma narrativa contemporânea, com elementos riquíssimos para analisar o desenvolvimento da língua. Portanto, é uma alternativa para compreendermos o modo e utilização do coloquialismo no dia a dia do indivíduo. Logo, a ficção nos norteia a concepção de que há modos diferentes de falar, no entanto, permanece e faz parte da linguagem utilizada pelos seres humanos.

A linguagem é um conjunto complexo de processos – resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. (CUNHA, 1985, p. 1).

Se a linguagem é utilizada para que haja comunicação entre os indivíduos, a literatura traz para o leitor inúmeras possibilidades de integralização. Nesse caso, Flecha, um dos personagens da narrativa de Miguel Jorge utiliza uma linguagem rebuscada, totalmente diferenciada dos demais personagens, ele não se preocupa com o seu interlocutor, pois para ele, o que vale são as palavras e o jeito de pronunciá-las.

- _ Olá, Guri. Me dá uma ardosa.
- _ O que o senhor deseja?
- _ Ardosa, das boas. Ardosa, cachaça. Não tem?
- _ Sim, senhor.
- _ Não, não. Copo bem cheio. (JORGE, 2017, p. 190)

No diálogo o personagem utiliza o termo “guri” que é adotado no estado do Rio Grande do Sul e os goianos já preferem as palavras ‘menino, garoto, criança’. Embora, essa nomenclatura também seja utilizada por vários estados devido a reunião entre as múltiplas culturas existentes na pátria. Em seguida o autor nos apresenta o vocábulo ‘ardosa’ expressão utilizada e para os goianos simboliza ‘aguardente’ e popularmente, pinga, cachaça.

Ao observar a utilização dos vocábulos, conseguimos perceber que a linguagem verbal passa por várias metamorfoses. Para Bagno (2001) todo tipo de língua varia e é perceptível várias diferenças, tais como, diferenças em nível fonético, sintático, lexical e semântico. As pronúncias de determinadas palavras estão contidas no nível fonético enquanto que, no nível sintático percebe-se a composição das orações, que podem ser inseridas diferentemente dependendo da região ou país. As diferenças lexicais acontecem quando a palavra é utilizada em determinado lugar e em outro ele já não existe. E por fim, a diferença semântica, muito comum, até mesmo no Brasil, o significado das palavras.

Diante disso, percebe-se que cada região tem sua forma de utilizar as palavras. E dependendo da região, o termo é quase que desconhecido, ou talvez, conhecido, porém não utilizável, logo, encontra presente no fragmento a variação

linguística diatópica, pois o emissor utiliza variantes regionais, que também são conhecidas como dialetos.

Outro item que remete a quesitos regionalistas é o termo “uai”, que algumas vezes surge na narrativa. Sabe-se que esse vocábulo é muito utilizado no estado de Minas Gerais, no entanto, Goiás abriu portas e janelas para outros indivíduos oriundos de outros estados, inclusive de mineiros, logo, goianos também se apropriaram do vocábulo.

Geralmente o leitor aspira realizar leituras com a linguagem totalmente padrão e ao se deparar com a escrita diferente, ou seja, conforme se fala, tem um total estranhamento, porque espera ir até o final do texto seguindo o mesmo critério. Então nos deparamos novamente com texto com a reprodução da oralidade. Portanto, durante a fala, há uma despreocupação com normas e uma total liberdade de expressão. O importante e essencial é como transmitir uma ideia. Em “Daqui a alguns ano?” (JORGE, 2017, p. 191). É bastante nítido o uso da oralidade, pois se fossemos transcrever, seria necessário a realização da concordância nominal, a utilização do plural (Daqui a alguns anos?) Não houve obediência aos critérios normativos. A frase mencionada é apenas uma representação da oralidade. Logo,

a língua escrita é só uma representação simbólica da língua falada, e não um retrato fiel dela. Por isso, embora a ortografia de cada palavra seja uma só para todo o país, cada falante brasileiro de português terá seu modo particular de pronunciá-la. (BAGNO, 2001, p. 96-97).

Esse fato acontece porque a norma não padrão é “a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo” (BAGNO, 2001, p. 28). No entanto, pessoas cultas sabem perfeitamente como utilizar a mesma linguagem ou a mais aproximada possível do seu receptor. Não é errado falar diferente, pois se o outro compreende, houve comunicação.

O engraçado é que muitas pessoas sabem dos procedimentos padrões de escrita e também quando os devem utilizar. Dessa forma, é perceptível que muitos professores não admitem que seus alunos pronunciem as palavras em desconformidade com as normas. No entanto, os próprios educadores precisam rever essas atitudes, até porque, no Brasil há uma diversidade de dialetos. E novamente Miguel Jorge nos conduz a análise da importância da valorização da oralidade tanto no meio estudantil quanto no meio social.

____Olá. Sou Flecha. Me botaram abotoaduras, mas vou abrir no pé, e num demora. Apaguei uma ancoreta, num arranca-rabo, naquela porra de arapuca, lá na Campininha. Tava arreado, malandro, nem um tusta para a ardosa. (JORGE, 2007, p. 219).

É muito comum a redução das palavras, na contemporaneidade principalmente. O fragmento nos remete à utilização das mídias sociais, em que as pessoas tentam reduzir as palavras com o intuito de transmissão de mensagens. Os verbos são fundamentais para que as frases e orações se apresentem dentro das normas. Mas, nosso objetivo não é frisar normas gramaticais e sim, enfatizar que nós brasileiros utilizamos a linguagem para nos comunicarmos, e que a fala, os gestos e ações demonstram ao interlocutor a mensagem. E a colocação verbal durante a oralidade fará a diferença dependendo o contexto e do seu receptor.

Retornamos a questão do regionalismo. Flecha utilizou termos bem diferentes e que para os goianos tem outra significação. Por exemplo, ‘abotoaduras, levando em consideração que o personagem estava na prisão, conduz o leitor a compreender que se tratava das algemas. Em seguida ele utiliza os termos ‘abrir no pé’, diante da situação vivida por ele, havia a vontade de fugir daquele local. Ao dizer “apaguei uma ancoreta” o personagem se referiu ao fato dele ter assassinado, durante discussões, uma mulher idosa, que trabalhava em casas noturnas. Ele ainda profere a palavra ‘tusta’ para indicar a ausência de recursos financeiros, provavelmente para pagar as despesas, no lugar onde estava ou esteve.

A oralidade é muito instigante, mas há muito preconceito no tocante às formas de falar. Mas precisamos pensar diferente, pois a “língua falada, a língua que saí da boca, é muito mais rápida, ágil e esperta do que a língua escrita. [...] a língua voa, a mão se arrasta” (BAGNO, 2001, p. 81). A teoria sempre é maravilhosa, mas Bagno, conduz o leitor a reflexão, pois na oralidade tanto o receptor quanto o emissor estão presentes, e essa comunicação é realizada por meio dos sons do idioma tendo interferências do interlocutor. Vale mencionar também que esse diálogo independe de níveis de escolaridade. E está sujeita a utilização de gírias, ambiguidades, cacofonias dentre outros vícios de linguagem, o que não interfere no processo comunicacional. Pode-se perceber em vários fragmentos da narrativa de Miguel Jorge a expressividade da oralidade.

__Ocê tá com muito medo?

__ Medo? He. He. He. Tou com frio e fome.

__ Escutou?

__ O quê?

__ Põe sentido.

__ Estou pondo (JORGE, 2007, p. 243).

O uso do pronome 'você' no processo de oralidade sofre pequena redução e mesmo assim as pessoas compreendem o que o emissor quis dizer. É um diálogo espontâneo, natural. O que não aconteceria se utilizasse a linguagem padrão. Justamente, porque "a língua falada, viva e elétrica, está se mexendo, se transformando" (BAGNO, 2001, p. 81).

Diante dessas colocações na narrativa, podemos perceber na contemporaneidade que existe muito preconceito negativo e também positivo em relação ao modo de falar de algumas pessoas. Logo, Magno (1999) menciona sobre a mitologia referente ao preconceito linguístico. Para o teórico, há oito mitos alusivos ao preconceito. O primeiro é sobre a língua portuguesa falada em nosso país por se apresentar uma unidade surpreendente. Realmente é impossível pensar em unidade, uma vez, que há inúmeras variedades. O segundo mito é de que o brasileiro não sabe português e que apenas em Portugal que se pronuncia corretamente a língua. Muito preocupante, pois, se somos brasileiros, impossível não saber a língua materna. O terceiro mito é de que a língua portuguesa é extremamente difícil. O quarto mito é de que as pessoas menos instruídas falam tudo errado. O quinto é de que há um estado brasileiro destacado por ser o melhor para se aprender corretamente o idioma. Já o sexto mito destaca que deve se falar da forma como escreve, ou seja, linguagem padrão. No sétimo mito dá totalmente ênfase no poder da gramática, todos dependem dela para falar e escrever corretamente. O último mito, de que ascensão social depende do domínio da norma padrão. Então é correto dizer que,

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira. (BAGNO, 1999, p. 123).

mesmapotencialidade para o aprendizado. No entanto, a sociedade nem sempre pensa assim, inclusive a maioria dos professores, porque querem sempre atender a norma padrão. Isso ainda nos conduz a uma reflexão: em um país rico em diversidade linguística, o que é mais importante, a comunicação ou a teoria? Acredita-se na importância dos dois, mas o povão, digamos assim, pensa que o que será utilizado no dia a dia será mais importante. Sobre a facilidade do aprendizado pode-se dizer que,

Todos sabem falar. A escola não ensina língua materna a nenhum aluno. Ela recebe alunos que já falam (e como falam, em especial durante nossas aulas!...) Se as línguas e os dialetos são complexos, e se os falantes o conhecem, porque o falam, então os falantes, inclusive os alunos, têm conhecimento de uma estrutura complexa. Qualquer avaliação da inteligência do aluno com base na desvalorização de seu dialeto é cientificamente falha. Consequência: os alunos que falam dialetos desvalorizados são tão capazes de aprender quanto os que falam dialetos valorizados. (POSSENTI, 2012, p. 35).

É por isso, que educadores necessitam rever suas atitudes diante do ensino aprendizagem, relacionado à linguagem. Logo, a Base Nacional Comum Curricular demonstra que a língua deve ser trabalhada de modo contextualizado e a serviço das práticas de oralidade, de leitura e também de escrita. E compete ao educador trabalhar a oralidade durante o processo ensino aprendizagem e mostrar aos estudantes a diferença que há entre a língua padrão e a não padrão, pois a partir do momento que adquiriu os conhecimentos, o indivíduo saberá o momento certo para sua utilização.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC implantada em 2020 trouxe várias inovações para o processo ensino aprendizagem. E após este documento, foi elaborado também o Documento Curricular para Goiás, com o mote de se trabalhar as particularidades do estado, ou seja, a goianicidade e as linguagens necessárias ao processo ensino aprendizagem regional. Portanto,

A organização curricular para alfabetização se apresenta nos primeiros anos de cada componente curricular, entendendo que as experiências com a língua oral e escrita das crianças se amplia e aprofunda no percurso escolar da criança, para a efetivação do processo de alfabetização, sendo o texto o centro do trabalho. Dessa forma, as aprendizagens, para além do processo de alfabetização na perspectiva do letramento, ultrapassam os conteúdos dos demais componentes curriculares possibilitando novos olhares, novos saberes,poisa ampliação do conhecimento do mundo oferece

oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de forma significativa. (BRASIL, 2017, p. 208).

Diante dos documentos, os professores planejam suas aulas em atendimento aos campos de experiência e também aos componentes curriculares. Material que auxiliará e muito no processo educacional. É claro que, sua chegada, mesmo após várias capacitações, trouxe muito estranhamento ao corpo docente.

Tudo que é novo, causa estranhamento, embriagues, mas, é necessário a inovação, inclusive no meio educacional. Desse modo com a nova Base implantada, os professores tiveram que reaprender o trabalho da docência, pois muitas foram as transformações, inclusive no planejamento. Competências, Campos de experiências, unidades temáticas, objetos do conhecimento, habilidades e códigos alfanuméricos passaram a fazer parte do ambiente escolar. Portanto, o fazer pedagógico ganhou novos rumos metodológicos e desafios para que o processo dê continuidade e possa alcançar as metas estabelecidas.

A BNCC (2017) surgiu com o mote de trabalhar e valorizar a oralidade, ou seja, no quesito práticas de linguagem, ela é bem destacada. Com isso, podemos afirmar sobre a importância de aproveitar a fala do indivíduo para **desenvolver** o processo ensino aprendizagem em conformidade com cada realidade. Portanto, essa diversidade sugerida pelo documento pode ser constatada pelo eixo da oralidade, parte em que compreenderá as práticas da linguagem.

Nessa parte o professor poderá aproveitar diversas situações, tais como, ouvir contos, mensagens, tanto gravadas como ao vivo. Principalmente em tempo de pandemia, com aulas virtuais, utilizando aplicativos, aulas gravadas, vídeo aulas. Logo, oportunidades são muitas, basta saber aproveitá-las, e valorizar a oralidade, pois mesmo sem conhecimento gramatical, ortográfico, as pessoas conseguem compreender e também se comunicar.

O PRECONCEITO DA ORALIDADE X A ESCRITA

Desde o nascimento as crianças aprendem a ouvir e a compreender determinadas palavras. Principalmente porque os adultos adoram a falar com as crianças de um modo simples, reduzido e na maioria das vezes utilizam vocábulos no diminutivo ou até mesmo errados (do ponto de vista dos gramáticos). Então, essa

bagagem fica com o indivíduo, ele aprende a se expressar e a utilizar as expressões que ouvem no dia a dia, em casa.

O ambiente social é rico de experiências tanto de leitura quanto de escrita. As crianças ao adentrar no meio escolar, já possuem conhecimento e experiências que as permitem conhecer a sua função social. Porém, sabe-se que não é bem assim que funciona com a maior parte dos estudantes de escolas públicas, pois “muitos são oriundos de comunidades e famílias que participam pouco da cultura escrita. O âmbito educacional e seus gestores desempenham um importante papel no sentido de ampliar o seu grau de letramento. (MELO, 2012, p. 29).

Muito interessante falar sobre a língua, principalmente a falada. Bagno (2001) relata uma história que dá gosto aos olhos e ouvidos, porque, retrata fatos tão reais que podemos parar para refletir sobre a nossa posição enquanto docente. Então, na narrativa, três professoras ao saírem de férias, resolvem passar uns dias na casa da tia de uma delas. As professoras, pensavam que por ser educadoras não poderiam utilizar a fala incorretamente, e após ouvir alguns termos desfavoráveis ao que ensinavam, começaram a questionar e acima de tudo, achavam engraçado.

Pois bem, a tia, uma professora aposentada, escritora e pesquisadora, iniciou uma grande jornada para explicar de forma lúdica, divertida, os equívocos que os educadores cometem ao corrigir sempre os erros (que nem sempre são) das palavras escritas e também faladas. A tia muito inteligente, explicou que nem tudo que pensamos ser erro, realmente é. Pois, para tudo há explicações, porque “esses supostos erros são heranças muito antigas, vestígios de outros tempos, verdadeiros fósseis linguísticos” (BAGNO, 2001, p. 119).

A língua se transformou com o passar dos dias e “cada pessoa tem a sua língua própria e exclusiva, mas também não pode deixar que ela a separe da comunidade em que está inserida” (BAGNO, 2001, p. 21).

Diante da narrativa, podemos parar e pensar nas atitudes que os educadores apresentam em relação à língua, tanto falada quanto escrita. O professor não é detentor do conhecimento, portanto, necessita refletir sobre sua posição diante das correções, que em muitos casos são incorretos. Isto porque, se investigar os termos que aparentemente estão errados, pode-se constatar o não erro e sim uma aproximação da origem.

Linguisticamente todos os vocábulos orais estão corretos desde que haja comunicação entre os interlocutores. Diante dessa vertente Bagno (1999) conduz o

leitor novamente ao processo de reflexão, ao mencionar que professores aplicam atividades em formatos equivocados e realmente, se analisarmos, perceberemos o erro gravíssimo cometido pelos professores. Por exemplo, ao solicitar aos educandos que encontrem erros de língua portuguesa tanto em cartazes quanto na fala de algumas pessoas, cometemos um grande erro, pois, os erros localizados são ortográficos e não de português.

A ortografia oficial é fruto de um gesto político, é determinada por decreto, é resultado de negociações e pressões de toda ordem (geopolíticas, econômicas, ideológicas). No início do século XX o “certo” era escrever: EM NICTHEROY ELLE POUDE ESTUDAR SCIENCIAS NATURAES, CHIMICA E PHYSICA. Se hoje o “certo” é escrever: EM NITERÓI ELE PÔDE ESTUDAR CIÊNCIAS NATURAIS, QUÍMICA E FÍSICA. Isso não altera a sintaxe nem a semântica do enunciado: o que mudou foi só a ortografia. (BAGNO, 1999, p. 122).

Vivemos momentos de muitas transformações e nem por isso, o modo de falar das pessoas e os dialetos podem ser considerados errados. Acredito que compete ao professor repensar suas atitudes, pois os estudantes trazem grande bagagem de casa e devem ser aproveitadas para que haja um processo ensino aprendizagem de qualidade. Até porque, imposição demais, regras em excesso, prejudicam todo o processo. Em 2009 aconteceu as alterações das regras ortográficas e em todos os manuais, está explícito que as transformações aconteceram somente na parte escrita e que na sonorização, na fala, não houve mudanças.

As metamorfoses da língua são reais e Possenti (2012) corrobora os pensamentos de Bagno. Para o primeiro há fatos linguísticos e fatos sociais, portanto, ele apresenta algumas evidências em relação à discussão. O primeiro é de que ela é ligada inteiramente e estreitamente aos seus usuários (independente de classe social); o segundo é que a língua varia, ela é complexa, ou seja, nem todos os indivíduos a utilizam da mesma forma; o terceiro, elas mudam, se transformam e os gramáticos não levam em consideração as línguas naturais. Ou seja,

Aquilo que se chama vulgarmente de linguagem correta não passa de uma variedade da língua que, em determinado momento da história, por ser a utilizada pelos cidadãos mais influentes da região mais poderosa do país, foi a escolhida para servir de expressão do poder, da cultura desse povo, transformada em única expressão da única

cultura. Seu domínio passou a ser necessário para obter-se acesso ao poder. (POSSENTI, 2012, p. 51).

Não podemos negar a importância da obtenção dos conhecimentos ortográficos, de saber utilizar o português padrão, no entanto,

É importante que nós, educadores, tenhamos em mente que o português não-padrão é diferente do português-padrão, mas igualmente lógico, estruturado e que ele acompanha as tendências naturais da língua, quando refreada pela educação formal. O PNP não é “pobre”, “carente” nem “errado”. Pobres e carentes são, sim, aqueles que o falam, e errada é a situação de injustiça em que vivem. (BAGNO, 2001, p. 63).

Diante dessa vertente Possenti (2012) menciona que as variedades não podem ser consideradas erros, mas sim diferenças no falar, portanto, há inadequações da linguagem. Podemos mencionar um jantar em família, dificilmente as pessoas ali, fariam a norma padrão, pois estão descontraídas, informalmente, entre seus pares, amigos e familiares. Logo, o erro “se dá sempre em relação à avaliação do valor social das expressões, não em relação às expressões mesmas. Não fosse assim, seria como considerar mal-acabado um colete por não ter mangas” (POSSENTI, 2012, p. 53).

A língua falada é descontraída, despreocupada com regras e normas, é “ruído dividido num sistema de grunhidos, assobios, etc. Isso é chamado de fala articulada. “Articulada” significa que está dividida em zonas e que um certo número de pessoas está de acordo com esse zoneamento” (POUND, 2013, p. 35).

Infelizmente, tanto na era contemporânea quanto na moderna, a escola valoriza a língua escrita e desconsidera a língua oral. Não há muita aceitação da variedade linguística, fato que provoca o preconceito linguístico, consequência da homogeneidade da língua, não aceitação que ela varia e que existem diferentes formas de falar e também de escrever além da escrita. (REIS, 2013).

Devido a esta situação é visível que são grandes as diferenças na aprendizagem de crianças de classes populares e de classes altas, pois as primeiras possuem menos contatos com materiais de leitura e escrita, convivem com pessoas que não dominam as habilidades da língua padrão e assim chegam à unidade escolar com dificuldades maiores. Já as segundas por suas condições se adaptam mais rápido às expectativas da escola. (SOARES, 2011).

Não se pode perder o foco e desconsiderar a escrita, é necessário ensinar também a técnica. Necessita-se não perder de vista as práticas sociais de leitura e escrita. Dessa forma, é fundamental utilizar uma variedade de materiais que circulem no dia a dia, além disso, deve-se levar os educandos a construir o sistema de escrita. (LOPES, 2010).

É de inteira necessidade que o professor como mediador do processo de aprendizagem desenvolva a leitura e escrita dentro do âmbito escolar, fazendo com que o aluno adquira contato com diversos portadores de textos, adquirindo o entendimento da leitura, além de incentivar a criança a desenvolver melhor a sua prática. Tudo isso, sem deixar de lado todo o conhecimento adquirido pela criança, principalmente as variedades linguísticas.

Diante disso, é evidente a necessidade que a sociedade tem em conhecer a escrita, pois, precisamos dessa função no dia a dia para realizar tarefas simples e se organizar melhor. Portanto a compreensão e a valorização da cultura da escrita merecem enfoque por contribuir de forma direta com o ser humano.

As escolas atuais necessitam mudar a metodologia do ensino visando conduzir o alunado mais que saber ler e falar corretamente, o aluno precisa saber refletir e aprender de acordo com as suas necessidades diárias. Para alcançar esse objetivo, vai mais além do que ensinar a gramática, pois se faz necessário conduzir os estudantes a desenvolverem a função comunicativa e é claro, sua autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões tecidas foram de grande relevância, principalmente no sentido do enriquecimento educativo. As pesquisas foram fundamentais para a compreensão de que as variações linguísticas são reais e acontecem geograficamente, socialmente e também culturalmente. Portanto, a linguística tem papel essencial no processo ensino aprendizagem, pois desde que nascemos já estamos aptos a utilizar a língua materna, ou seja, já somos proficientes.

Primeiramente, realizou-se uma busca por teóricos para a compreensão científica da temática abordada, por meio do qual notamos a presença de inúmeras teorias respeitadas no tocante ao tema. A leitura e análise permitiu-nos evidenciar a

importância da linguística no dia a dia do indivíduo e principalmente nos conduziu à reflexão enquanto docente, nos processos de correção dos textos orais e escritos.

Acreditamos que por meio de todas as leituras, conseguimos abarcar uma grande bagagem e por cima de tudo, enriquecedora, produtiva, da qual nos sentimos em condições de repassar o conhecimento e também analisar obras com novas perspectivas de compreensão e interpretação. Os horizontes são abertos para que os docentes e também discentes possam usar tranquilamente a língua sem pensar em preconceitos e medos de ousar nas produções tanto no uso da fala e também da escrita.

Portanto, a pesquisa foi fundamental para o aprendizado. E também reconhecimento de que não existe língua melhor que outra, e muito menos errada, o erro está apenas nos quesitos gramaticais, ou seja, nas regras. Logo, a partir das análises, foi possível pensar, refletir sobre o modo em que o professor atua diante de tantas variedades linguísticas presentes em nosso meio.

Não se pode fechar os olhos para a realidade. Está na hora de reinventar e utilizar as formas simples para podermos transmitir de modo simples, prático todo o conhecimento adquirido. Portanto, a utilização da língua materna, ou seja, natural da criança, pode ser adotada e trabalhada de diferentes formas para estimular diariamente e fazer com que o processo ensino aprendizagem seja eficaz.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. *Língua Portuguesa: noções básicas para cursos superiores*. São Paulo: Atlas, 2010.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulalia: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2001.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico – o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BECHARA, Ivanildo. *Ensino da gramática: opressão?, Liberdade?* São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017

CEREJA, William Roberto. *Gramática reflexiva: volume único*. São Paulo: Atual, 2009.

CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GOIÁS, *Documento Curricular para Goiás*. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte – Seduce/ União dos Dirigentes Municipais de Goiás – Undime/ Conselho Estadual de Educação. Goiás: Seduce, Undime, CEE, 2018.

JORGE, Miguel. *Veias e Vinhos*. Goiânia: Ed. da UCG, 2017.

LOPES, J.R. *Caderno do educador: alfabetização e letramento*. Brasília: DF, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PETTER, Margarida. *Linguagem, língua, linguística*. In: Introdução à linguística. São Paulo: Contexto, 2014.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 2013.

REIS, A.R.G. *Ensino de língua portuguesa: reconhecimento do preconceito e possibilidade de trabalho com a variedade padrão*. Revista práticas de linguagem. V. 3, n. 2, jul./dez 2013.

SILVA, Ivani A. Martins da. *Variações linguísticas*. São Paulo: Catálise, 2003.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2008.